

EDITORIAL

A doença, o mal-estar, a aflição constituem experiências pessoais consideradas desagradáveis. A busca de tratamentos específicos está associada a várias condições dentro de uma mesma cultura. Seu impacto no indivíduo, na família e no contexto social mais amplo tem merecido a atenção de muitos estudos nas mais diversas áreas. Aprender a lidar com as situações indesejáveis – mediante exposição narrativa (autobiográfica) ou a partir de estratégias tecnológicas que viabilizam mudanças nos modos de estar doente – motivou a organização deste dossiê, dedicado à temática Educação e Saúde. Embora este dossiê não destaque apenas a discussão sobre a educação *em* saúde, os textos, aqui reunidos, tomam como referência pesquisas que falam sobre fatores de risco e de proteção à saúde, sobre condições de trabalho, sobre a doença como produtora de exclusão e de desvalorização de si. Outros aspectos na relação com a saúde ganharam relevância nas pesquisas: a doença, esta experiência extraordinária, que quebra o curso normal da trajetória de vida do indivíduo, revela-se como motor de redimensionamento de práticas do indivíduo e do seu entorno. Numa perspectiva das ciências humanas, os artigos visitam a saúde e a doença do lugar dos sentidos atribuídos ao sofrimento, que, normalmente estão ligados a um conjunto de situações, cujos contornos se imbricam aos significantes socioculturais do indivíduo.

O campo da educação vem sendo olhado como lugar da construção social da saúde, vez que cuidado, afetividade, proteção e atenção são constructos apreendidos pelos sujeitos em situações educativas. A escola é, desta forma, o espaço coletivo onde são privilegiadas ações em saúde, prevenção, estímulos a hábitos saudáveis dos alunos, não esquecendo que o debate se estende para a qualidade de vida do professor, dando atenção aos cuidados que devem ser observados (tempo de trabalho, cuidados com a voz), considerados elementos que fazem parte dos contextos de vulnerabilidade docente. Ao mesmo tempo, a escola é o lugar da emergência de patologias e/ou da medicalização e patologização dos comportamentos. As queixas escolares da ausência de controle e comportamentos adequados têm trazido para dentro da escola não apenas a discussão sobre o estigma, o *bullying* e a rotulação de crianças e jovens, mas também as estratégias educativas para promover um clima favorável de denúncia às agressões, como também escuta, evitando assim agravos à saúde.

Ações em saúde são, por assim dizer, apreensões que são despertadas no contato com o coletivo. Vale ressaltar que as práticas de saúde operadas numa sociedade vão além de meras aprendizagens: elas são práticas que incorporam um projeto de sociedade, uma consciência política. Longe de ser uma prática neutra, a educação em saúde pressupõe uma dimensão ideológica, de poder, pois implica uma maneira de ser sociedade, de lidar com técnicas e com um projeto de sociedade e a construção de uma consciência.

Agosto 2016

Lívia Fialho Costa
Editora Executiva

**Temas e prazos dos próximos números da Revista da FAEEBA:
Educação e Contemporaneidade**

Nº	Tema	Prazo para envio dos artigos	Lançamento previsto	Coordenadores
47	Educação e mestrados profissionais	01.07.2016	Dezembro de 2016	Tânia Dantas Tânia Hetkowski

EDITORIAL

The disease, discomfort and distress constitute personal experiences considered unpleasant. The search for specific treatments is associated with various conditions within the same culture. Its impact on the individual, family and the wider social context has been the focus of many studies in several areas. Learning how to deal with unwanted situations – through (autobiographical) narrative exposition or from technological strategies that enable changes in ways of being sick – motivated the organization of this dossier, dedicated to themes on Education and Health. Although this dossier does not highlight only the discussion around health education, the texts gathered here, take as reference studies that talk about risk factors and health protection, on working conditions, on the disease as a producer of exclusion and devaluation. Other aspects in the relation with health gained relevance in the research: the disease, this extraordinary experience that breaks the normal course of the individual's life trajectory, is revealed as the resizing engine of practices of the individual and its surroundings. From the perspective of the humanities, these articles visit the health and disease from the place of the meanings attributed to suffering, which are usually linked to a set of situations, of which contours overlap to the individual sociocultural significant.

The field of education has been regarded as the place of social construction of health, as care, affection, protection and attention are constructs seized by the subjects in educational situations. Thus, the school is the collective space where are privileged actions in health, prevention, incentives for healthy habits of students, not forgetting that the debate extends to the teacher's quality of life, paying attention to the care that must be observed (working time, voice care), considered elements that are part of the teaching contexts of vulnerability. At the same time, the school is the place of emergence of pathologies and/or medicalization and pathologizing behaviors. The school complaints of lack of control and appropriate behavior have brought into the school not only the discussion of stigma, bullying and the labeling of children and young people, but also educational strategies to promote a favorable climate to denounce the aggression, as also, the listening, thus preventing health problems.

Health actions are, so to speak, concerns that are aroused through the contact with the collective. It is noteworthy that the health practices operated in a society go beyond mere learning: they are practices that incorporate a project of society, political awareness. Far from being a neutral practice, health education assumes an ideological dimension of power, because it implies a way of being society, to deal with techniques, with a social project and the construction of a conscience.

August 2016

Lívia Fialho Costa
Editora Executiva

**Themes and terms for the next journals of Revista da FAEEBA:
Educação e Contemporaneidade**

N°	Theme	Submission deadline	Publication date	Coordinators
47	Education and Professional Master's Programs	July 1, 2016	December 2016	Tânia Dantas Tânia Hetkowski

EDITORIAL

La enfermedad, el malestar y la angustia constituyen experiencias personales consideradas desagradables. La búsqueda de tratamientos específicos está asociada a diversas condiciones dentro una misma cultura. Su impacto en el individuo, la familia y el contexto social más amplio ha sido el foco de atención de muchos estudios en diversas áreas. Aprender a lidiar con situaciones no deseadas – a través de la exposición narrativa (autobiográfica) o a partir de estrategias tecnológicas que permiten cambios en las formas estar enfermo – ha motivado la organización de este dossier, dedicado a la temática de educación y salud. Aunque este dossier no destaca únicamente la discusión sobre la educación en salud, los textos aquí reunidos, toman como referencia los estudios que hablan de los factores de riesgo y de protección de la salud, sobre condiciones de trabajo, sobre la enfermedad como productora de exclusión y desvalorización de sí. Otros aspectos en relación con la salud ganaron relevancia en la investigación: la enfermedad, esta extraordinaria experiencia, que rompe el curso normal de la trayectoria de la vida del individuo, se revela como motor de redimensionamiento de prácticas del individuo y de su entorno. Desde la perspectiva de las ciencias humanas, los artículos que abordan la salud y la enfermedad desde el lugar de los significados atribuidos al sufrimiento, que por lo general están vinculados a un conjunto de situaciones, cuyos contornos se imbrican a los significantes socioculturales del individuo.

El campo de la educación viene siendo considerado como el lugar de la construcción social de la salud, puesto que, el afecto, la protección y la atención son construcciones aprendidas por los sujetos en situaciones educativas. La escuela es, de esta forma, el espacio colectivo donde son privilegiadas acciones en salud, prevención, estímulos a los hábitos saludables de los estudiantes, sin olvidar que el debate se extiende a la calidad de vida del maestro, prestando atención a los cuidados que deben ser observados (tiempo de trabajo, el cuidado de la voz) considerados elementos que hacen parte de los contextos de vulnerabilidad docente. Al mismo tiempo, la escuela es el lugar de emergencia de patologías y de patologización y medicalización de los comportamientos. Las quejas escolares de la falta de control y del comportamiento apropiado han traído para dentro de la escuela no sólo la discusión sobre el estigma, el bullinge y el etiquetado de los niños y jóvenes, sino también las estrategias educativas para promover un clima favorable para denunciar las agresiones, como también la escucha, evitando así problemas de salud.

Las acciones de salud son, por así decirlo, aprendizajes que son despertados en contacto con el colectivo. Es de destacar que las prácticas de salud operadas en una sociedad van más allá del mero aprendizaje: son prácticas que incorporan un proyecto de sociedad, una conciencia política. Lejos de ser una práctica neutra, la educación en salud asume una dimensión ideológica, de poder, porque implica una forma de ser sociedad, de lidiar con técnicas y con un proyecto de social y de construcción de conciencia.

Agosto 2016

Lívia Fialho Costa
Editora Ejecutiva

**Temas y plazos de los próximos números de la Revista FAEEBA:
Educación y Contemporaneidad**

Nº	Tema	Plazos para envío de los artículos	Lanzamiento previsto	Coordinadores
47	Educación y maestrías profesionales	01 Julio 2016	Diciembre 2016	Tânia Dantas Tânia Hetkowski